

VI DOMINGO DA PÁSCOA – ANO C¹

At 15,1-2.22-29 | SI 66(67) | Ap 21,10-14.22-23 | Jo 14,23-29

EM COMUNHÃO COM CRISTO E COM A IGREJA DE CRISTO

A primeira leitura narra um episódio importante na vida das primeiras comunidades cristãs, que deve iluminar a vida da Igreja também em nossos dias. Cristãos da Judeia – provenientes do judaísmo – começaram a implicar com os cristãos de Antioquia – em grande parte provenientes do paganismo – quanto a alguns costumes próprios da tradição judaica. Segundo os Atos dos Apóstolos, “*isso provocou muita confusão*”. Com o conflito instalado, a comunidade sentiu necessidade de se reunir em torno dos apóstolos para tratarem da questão. Essa reunião ficou conhecida como Assembleia de Jerusalém.



Podemos perceber duas coisas de imediato: em primeiro lugar, que os conflitos são inevitáveis. Onde há pessoas, há diversidade, histórias diferentes, costumes diversos, logo, seria ingenuidade da nossa parte pretender uniformidade para tudo. Em certas ocasiões, a uniformidade pode ser extremamente nociva, porque expressa, na verdade, um projeto de poder. Em segundo, percebemos que, embora os conflitos existam, eles não podem se sobrepor, de tal modo que a comunhão seja prejudicada. Neste caso, a resposta da comunidade não pode ser outra senão o diálogo. A Igreja de Antioquia recorreu aos apóstolos e aos anciãos de Jerusalém, que eram referências para as comunidades. Também nós, que somos seguidores de Jesus Cristo, temos a Igreja como referência, com todo o seu patrimônio espiritual e suas experiências históricas.

Depois que a questão foi devidamente tratada na Assembleia de Jerusalém (cf. At 15,6-21), os apóstolos e anciãos escreveram às comunidades da Síria: “*Ficamos sabendo que alguns dos nossos causaram perturbações com palavras que transtornaram vosso espírito. Eles não foram enviados por nós*”. Os “causadores de problemas” não eram pessoas de fora da comunidade, mas, nas palavras da carta, “*alguns dos nossos*”. Apesar disso, os apóstolos enfatizaram: “*Eles não foram enviados por nós*”. Esse é um problema muito atual: há quem faça parte da Igreja, mas que não fala em nome dela, simplesmente por ensinar o que a Igreja não prega, preferindo disseminar suas próprias ideologias e suas interpretações equivocadas das Sagradas Escrituras, da Tradição e dos posicionamentos do magistério eclesial. Muitos se

¹ Homilia proferida na Paróquia São João Batista (São João) em 22 de maio de 2022.

acham mais católicos que o Papa e se esquecem que a fé tem sua dinâmica ao longo da história, atestada pela própria Igreja, com base no Evangelho. Nós, cristãos, podemos muito bem nos encaixarmos na crítica que Jesus faz aos doutores da Lei: *“Ai de vós, porque carregais as pessoas com fardos insuportáveis, e vós mesmos, nem sequer com um só dedo tocais nestes fardos!”* (Lc 11,46).

No evangelho desta liturgia, o Senhor diz: *“O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará tudo e vos recordará o que eu vos tenho dito”*. Enquanto cristãos, viver em comunhão significa viver atentos aos impulsos do Espírito que guia a Igreja ao longo da história e, mesmo quando esta enfrenta crises e até erros, é esse mesmo Espírito que a reconduz ao centro da nossa fé: Jesus Cristo e seu Evangelho. O Espírito Santo nos reconduz à Palavra de Deus, com seu frescor e sua eficácia para todos os homens em todos os tempos. Desta forma, experimentamos, não obstante os conflitos, a paz genuína que o Senhor nos dá, a paz que promove o diálogo e gera a comunhão.

PE. ÉVERTON MACHADO DOS SANTOS
Pároco da Paróquia São João Batista

Senhor Jesus Cristo, Príncipe da Paz, que nos destes o Espírito da verdade e da caridade, ensinai-nos a promover o diálogo para que, de fato, possamos viver a comunhão. Vós, que viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo.